



---

**POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSEA – PNEM:  
MUSEUS, EDUCAÇÃO E REDES**

---

---

**NATIONAL POLICY OF MUSEAL EDUCATION - PNEM:  
Museums, Education and Networks**

---

---

**POLÍTICA NACIONAL DE EDUCACIÓN MUSICAL - PNEM:  
MUSEOS, EDUCACIÓN Y REDES**

---

Márcia Isabel Teixeira de Vargas<sup>1</sup>  
Andréia von Hausen Bederode Becker<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo apresenta uma análise do cenário emergido com a efetivação da Política de Educação Museal (PNEM), temática principal, e a participação das Redes de Educadores em Museus, vivenciadas pelos sujeitos da dinâmica educacional em instituições culturais desde a sua concepção. Relata a participação da Rede de Educadores em Museus do Rio Grande do Sul (REM-RS), na elaboração compartilhada da Política Nacional de Educação Museal, no período de 2012 a 2017. Tem o objetivo de evidenciar tensões experimentadas pelo museu, a escola e por seus agentes nas atividades do setor educacional museológico. Sugere que as ações empreendidas para fomentar a incorporação da PNEM às instituições museológicas sejam efetivadas de forma articulada e com indispensável reconfiguração de acordo com os princípios e diretrizes da política pública voltada aos museus brasileiros, enquanto referencial para o setor. Destaca a Carta de Petrópolis, a Carta de Belém e a Carta de Porto Alegre documentos que demonstram a participação e as discussões, presenciais e em rede, geradas pelos profissionais efetivamente envolvidos nos processos de construção que resultaram na referida política. Conclui com relatos de experiências e atividades na formação docente no espaço museológico como forma de adequar o trabalho educacional em museus à PNEM.

**Palavras-chave:** Educação Museal. Redes. Rede de Educadores em Museus. Formação Docente.

**Abstract**

This article presents an analysis of the emerged scenario with the implementation of the Museum Education Policy (PNEM), the main theme, and the participation of the Educator Networks in Museums, experienced by the subjects of the educational dynamics in cultural institutions from their conception. It reports on the participation of the Network of Educators in Museums of Rio Grande do Sul (REM-RS), in the shared elaboration of the National Policy of Museum Education, from 2012 to 2017. Its objective is to tensions experienced by the museum, the school and its agents in the activities of the museum educational sector. It suggests that the actions undertaken to promote the incorporation of PNEM to museological institutions should be carried out in an articulated manner and with

---

**Submetido em:** 01/08/2019 **Aceito em:** 23/08/2019 **Publicado em:** 31/08/2019.

<sup>1</sup> Professora de Artes Visuais, Gravataí e Alvorada/RS. Especialista em Supervisão Escolar. Museóloga COREMRS 210-I. Coordenação Compartilhada REM-RS.

<sup>2</sup> Câmara de Vereadores de Camaquã



an indispensable reconfiguration in accordance with the principles and guidelines of the public policy focused on Brazilian museums, as a reference for the sector. The Petrópolis Charter, the Belém Charter and the Porto Alegre Charter emphasize the documents that demonstrate the participation and the discussions, both in person and in a network, generated by the professionals effectively involved in the construction processes that resulted in this policy. Concludes with reports of experiences and activities in teacher training in the museum space as a way to adapt the educational work in museums to the PNEM.

**Key words:** Museum Education. Networks. Educators Network in Museums. Teacher Training.

### Resumen

Este artículo presenta un análisis del escenario que surgió con la implementación de la Política de Educación Muscular (PNEM), el tema principal, y la participación de Redes de Educadores en Museos, experimentados por los sujetos de la dinámica educativa en las instituciones culturales desde su concepción. Informa la participación de la Red de Educadores de Museos de Rio Grande do Sul (REM-RS), en la elaboración compartida de Política Nacional de Educación Museal, de 2012 a 2017. Su objetivo es resaltar las tensiones experimentadas por el museo, la escuela y otros. sus agentes en las actividades del sector educativo museológico. Sugiere que las acciones emprendidas para fomentar la incorporación de PNEM en las instituciones museológicas deben llevarse a cabo de manera articulada y con una reconfiguración indispensable de acuerdo con los principios y lineamientos de las políticas públicas dirigidas a los museos brasileños, como referencia para el sector. Destaca los documentos de la Carta de Petrópolis, la Carta de Belém y la Carta de Porto Alegre que demuestran la participación y las discusiones, en persona y en red, generadas por los profesionales efectivamente involucrados en los procesos de construcción que dieron como resultado la política referida. Concluye con informes de experiencias y actividades en la formación del profesorado en el espacio museológico como una forma de adaptar el trabajo educativo en museos al PNEM.

**Palabras clave:** Educación muscular. Redes Red de educadores de museos. Formación del Profesorado.

## INTRODUÇÃO

Aquiescer o educador em museus enquanto um sujeito ativo e qualificado, essencial nas instituições culturais que lida com a salvaguarda e a difusão da memória e do patrimônio material e imaterial é uma tarefa complexa e cheia de desafios.

Nesta incansável busca, manifesta-se a relevância em instituir-se um espaço de domínio da Educação Museal, provocadas pelos profissionais do campo desde a criação das Redes de Educadores em Museos e a presença desses trabalhadores nos diversos encontros que envolvem os Museus, a Museologia e Educação em Museal.

O Artigo apresenta tópicos visando esclarecer os conceitos, mesmo que de forma abreviada, de Educação, Educação Museal, Museus, Museologia e Redes. Orientados pela preocupação com a função emancipadora da construção do conhecimento a partir do Patrimônio Cultural. Além dos conceitos, distribuem-se as partes do texto destinadas às Redes de Educadores em Museos, a participação da Rede de Educadores em Museos do RS enquanto articuladora e representante nas políticas públicas voltadas ao setor.



Destaca como ponto principal a Política Nacional de Educação Museal – PNEM, com seus desafios acompanhados das narrativas de sua elaboração e a sua efetivação, em 2017.

Esse texto foi organizado elucidando-se a aproximação existente entre a Educação e a Educação Museal, levando-se em conta os efeitos pedagógicos na construção de metodologias aplicadas no cotidiano escolar que envolve práticas tais como visitas aos museus, em estudos e pesquisas junto aos acervos.

A criação de um Programa Educativo e Cultural está assegurada pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM (L. 11904)<sup>3</sup> e no Estatuto de Museus (L. 11906)<sup>4</sup>, ambas legislações de janeiro de 2009. Na sequência foi lançado O Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM – 2010/2020)<sup>5</sup>, que compõe o Plano Nacional de Cultura (PNC), construído em 2010, que em seus Temas Transversais apresenta a – Educação e Ação Social, fundamentando a organização e a mobilização dos trabalhadores em museus.

Dispomos a narrativa do Projeto Construindo a Cidade, realizado em Camaquã no RS. Experimentamos, no desenvolvimento e aplicação das suas metodologias e ações, tensões tanto durante o processo de articulação da PNEM, assim como, após a sua efetivação na prática orientada pela qualificação continuada de educadores e responsáveis pelas instituições culturais.

Finalizamos com as considerações no sentido de apontar e sugerir reflexões nas formas de comunicação e ferramentas digitais utilizadas pelas REMs, no reconhecimento do setor educativo junto à gestão dos museus, bem como no Plano Museológico. Igualmente observa a efetivação da Base Nacional Comum Curricular que se vincula à PNEM pelo protagonismo dos que ele acessarem inserindo-se nesse sentido o Patrimônio Cultural, muito embora o trabalho em conjunto da Educação e da Educação Museal ainda é limitado no sentido da garantia dos recursos pela gestão pública. Sugere a criação de núcleos regionais no sentido de ampliar a difusão e aplicação da PNEM.

## EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO MUSEAL – CONCEITOS

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em janeiro/2016.

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm)>. Acesso em janeiro/2016.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>. Acesso em janeiro/2016.



Neste item apresentamos de forma concisa conceitos relevantes e esclarecedores que denotam as relações de parceria entre os profissionais das áreas da Educação e da Educação Museal, assim como as tensões demandadas a partir das propostas da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Destaca, mesmo que brevemente, os conceitos sobre a Museologia e Patrimônio Cultural que demonstram diversos significados, mas que estão concomitantemente presentes nas ações relacionadas à Educação e à Educação Museal.

Para abordar os conceitos relativos à Educação e à Educação Museal citamos as ideias, na prática do ensinar e aprender, concebidas como um “processo” (SANTOS, 2008); (CHIOVATO, 2010); (DEMO, 2005). O significado do termo “processo” para Santos (2001, p. 129), está em “avançar, atividade reflexiva que tem como objetivo alcançar o conhecimento de algo”. (SANTOS, [2001], 2008, p. 129). A autora compreende a Educação que “significa reflexão constante, pensamento crítico, criativo e ação transformadora do sujeito e do mundo” (Ibidem, idem).

O processo em Educação tem em si a ideia de elaboração, cooperação, troca e diálogo constantes. O educador deve distanciar-se da atitude de “transferir” conhecimento, mas sim assumir o papel de orientador que assiste o educando na estruturação do seu próprio saber, para que este possa multiplicar os seus aprendizados na comunidade escolar, como escreveu Paulo Freire (1996), no livro *Pedagogia da Autonomia*, e aplicar estas práticas no sentido de “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

No artigo de Maria Célia Santos - *Museu e educação: conceitos e métodos* (SANTOS, 2008, p. 125) - resta a proposição de uma educação dominada pelo ato contínuo e permanente que extrapole o espaço escolar. Que a construção do conhecimento esteja presente nas vivências e espaços da comunidade e fora dela, no coletivo e no familiar num ciclo participativo.

Reportamos ainda ao Patrimônio Cultural como essencial à Educação, por considerar “que este é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada, levando em consideração a herança cultural dos indivíduos” (SANTOS, [2001], 2008, p. 129). O indivíduo, na interação com o Patrimônio Cultural imaterial e material, é capaz de qualificar a sua percepção de mundo tornando-se sujeito ativo na produção de narrativas transformadoras no seu cotidiano.

Os profissionais atuantes nos setores educativos dos Museus recriam, para as escolas, ambientes carregados de significados cheios de conteúdos e possibilidades esclarecedoras, de acesso à informação, ou de representação - com seus objetos expostos - daquilo que se estudou



nas aulas de forma teórica. Por sua vez, “a escola ajuda os educadores de museu a conhecerem como se ensina e como se aprende, a partir de pesquisas e reflexões na área pedagógica” (GRINSPUM, 2000, p. 42). A respeito da força transformadora, creditada aos Museus, estão as formas de comunicação e extroversão das pesquisas, destacando-se as ações educativas e as exposições que objetivam a construção da consciência individual e coletiva.

Para compreensão do Campo da Educação Museal, utilizamos constantemente a duas premissas de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, sobre o papel do museólogo enquanto um “trabalhador social” e da importância emancipadora alcançada aos indivíduos, na “inserção do museu como local de transformação social” (GUARNIERI, [1981], 2010, p. 24-25). Encontramos na autora, a preocupação com a formação da consciência a respeito da atribuição de valor ao bem cultural, naquilo que se decide salvaguardar e no que representa o patrimônio cultural preservado. Para quem e qual a essência em conservar para a memória social?

Os trabalhadores nos Museus, diante das inquietações sociais e culturais, reconhecendo os anseios dos professores, de seus objetivos diante do patrimônio cultural, da memória e das possibilidades de construção e transformação dos educandos em seus espaços de vivência providenciam ações educativas que propiciam “uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social” (MOUTINHO, 1993, p. 5).

Interpretando-se os museus em suas ações de pesquisa, preservação, salvaguarda e comunicação em que

Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu. Ela o estuda em sua história e no seu papel na sociedade, nas suas formas específicas de pesquisa e de conservação física, de apresentação, de animação e de difusão, de organização e de funcionamento, de arquitetura nova ou musealizada, nos sítios herdados ou escolhidos, na tipologia, na deontologia. (RIVIÈRE, 1981 apud DESVALLÉES; MAIRESSE, p. 61).

Assim encontramos, no texto Os objetivos do conhecimento museológico, o que manifesta Waldisa Rússio (1983), em relação ao “tratamento interdisciplinar, sistemático e interativo entre os diferentes campos do conhecimento museológico” (BRUNO, 2010, p. 133-134), e a própria “ação museológica” (Ibidem, p. 134), que permite a interação entre ciência, ensino e profissão, constituindo-se no método interdisciplinar da Museologia.

Nas definições dos Conceitos-chave de Museologia, em referência à publicação do ICOM, a aproximação dos campos da Educação e Educação Museal, compreendendo que,

A educação está associada ao mesmo tempo ao coração e ao espírito, e diz respeito aos conhecimentos que pretendemos atualizar em uma relação que coloca os saberes em movimento para desenvolver uma apropriação e um reinvestimento personalizado. Ela é a ação de desenvolver um conjunto de conhecimentos e de valores morais, físicos, intelectuais, científicos, etc. O





saber, o saber-fazer, o ser e o saber ser formam os quatro componentes centrais do domínio da educação (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 38).

A Educação Museal, é definida como um “conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante” (Ibidem, p. 38).

A Educação Museal envolve uma série de aspectos singulares que incluem: os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos objetos musealizados; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva. (CASTRO; COSTA; CHIOVATTO; SOARES, 2018, p. 73-74).

Nesta dinâmica, as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação devem ser consideradas, em diferentes contextos adequando-as a uma realidade compreensível por parte do observador, que esteja do espaço da instituição museu participando de uma ação educativa formulada “no diálogo e permite a transformação do bem cultural em bem social” (CHAGAS, 1996 apud CÂNDIDO, p. 223).

Ainda Studart, aponta o objetivo da Educação e da Educação Museal em “um sentido amplo, é oferecer possibilidades para a comunicação a informação, o aprendizado, a relação dialética e dialógica educando/educador, a construção da cidadania, e o entendimento do que seja identidade” (STUDART, 2004, p. 37).

Após o rol de terminologias e conceitos acima descritos passamos a discorrer sobre as Redes de educadores em Museus em seus diferentes e vários contextos, a partir de informações e resultados de pesquisa, que compilados e elucidam a formação dessas Redes.

## **AS REDES DE EDUCADORES EM MUSEUS PELO BRASIL**

Os trabalhadores em museus, mais especificamente os que atuam no setor educativo com a necessidade de trocar ideias, de realizarem o exercício do reconhecimento do campo da Educação Museal com seus pares, para realizarem a qualificação as suas ações criaram espaços virtuais de diálogo, denominados Rede de Educadores em Museus (REM), a fim de fortalecer a comunicação entre os profissionais e a própria categoria.



É possível, ainda que num tempo distante, convocar o desafio de Waldisa Rússio Guarnieri, em relação aos trabalhadores sociais atuantes nos museus que “aqueles que vão se dedicar a essa tarefa também questionem o valor de sua própria consciência do problema: seus conceitos, suas limitações, suas dúvidas” (BRUNO, 2010, p. 121).

As tecnologias não substituem a relação humana presencial, no entanto com um país como o Brasil com muitas demandas educativas, desafios museais e distâncias consideráveis os meios digitais tornaram-se espaços capazes de conciliarem as tarefas do intercâmbio de ideias, de discussões e esclarecimentos das dúvidas do setor, e auxiliarem na criação de novas estratégias de atuação profissional. O desenvolvimento das Redes para fins de formação, capacitação e organização profissional é um movimento que se fortalece a cada ano no campo da Educação Museal.

As motivações e inquietações que evidenciam a constituição das Redes tem um apelo justificado pela vontade em qualificar as múltiplas tarefas e ações construídas no interior das instituições culturais atribuindo-lhes significados as experiências cotidianas de forma individual e coletiva. Da mesma forma, observa-se que esses agentes da Educação Museal desejam expor e compartilhar as suas metodologias, aplicadas no cotidiano dos museus, assumindo e preocupando-se com responsabilidades em transformar através da cultura.

De acordo com Pierre Lévy (1993), as dinâmicas de pensar e conviver, são as tarefas humanas que foram adequando-se ao desenvolvimento tecnológico durante a história da humanidade. Assim, os profissionais e usuários das novas tecnologias buscam adaptar-se a era da informatização e são distintos os recursos eletrônicos que dinamizam as relações e as elaborações informacionais: “escrita, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada” (LÉVY, 1993, p. 7).

No Brasil, contamos com dezenove Redes de Educadores em Museus. Novas Redes são formadas e os profissionais do campo engajam-se a cada Fórum Nacional de Museus<sup>6</sup>, articulando-se a partir de seus interesses, visando qualificar e fortalecer os setores educativos nos museus.

---

<sup>6</sup> Em sua 7ª edição (Porto Alegre/RS), O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pelas políticas públicas para o setor museal no Brasil, realiza a cada dois anos o Fórum Nacional de Museus (FNM). Evento de abrangência nacional, o fórum tem por objetivo refletir, avaliar e delinear diretrizes para a Política Nacional de Museus (PNM), consolidando as bases para a implantação de um modelo de gestão integrado dos museus brasileiros, por meio do Sistema Brasileiro de Museus (SBM). Disponível em: <<http://fnm.museus.gov.br/>>. Acesso em abril/2019.



Para concluir a Graduação em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir do Trabalho de Conclusão do Curso, Márcia Vargas (2016) realizou um estudo de caso debruçando-me no histórico da Rede de Educadores do Rio Grande do Sul (REM-RS) organizando uma linha do tempo das demais Redes distribuídas em outros estados. Nesse documento estão dispostos quadros, pesquisa documental, entrevistas e um mapeamento desde as siglas utilizadas pelas Redes, incluindo os meios de comunicação digitais entre outras informações tais como as ações desenvolvidas pelas estas em seus respectivos espaços de atuação.

A primeira Rede no Brasil foi criada no Rio de Janeiro-RJ no ano de 2003 (CASTRO, 2015)<sup>7</sup>; (VARGAS, 2016). Após quatro anos novas Redes foram criadas e outras mais de 2008 até o ano de 2019 os Estados e Distrito Federal mudaram a realidade da Educação Museal. Conforme Márcia Isabel Teixeira de Vargas (2016),

As Redes de Educadores em Museus dos estados do Pará e de São Paulo participaram da reunião das REMs, por ocasião do 6º Fórum Nacional de Museus, que ocorreu em Belém/PA, no ano de 2014, e assim sentiram-se estimulados a continuar o processo de concepção destas duas: REM-PA e REM-SP. No período entre 2004 e 2006, não houve articulação em relação à formação de Rede de Educadores em museus. Entre os anos de 2007 e 2009 surgiram seis REMs, sendo que no período que compreende os anos de 2010 a 2015, oito Redes de Educadores foram criadas, com um intervalo em 2011 e 2012 sem novas Redes (VARGAS, 2016, p. 68).

Durante a pesquisa verificou-se que *Blog* das REMs, foi à primeira ferramenta digital a ser utilizada na maioria das coordenações. É importante ressaltar que nestes espaços virtuais foi possível esclarecer sobre o contato entre as REMs e estas com os seus participantes, assim como, obter informações sobre as datas e locais dos encontros, documentos, outros endereços eletrônicos como *e-mail* e *Facebook*. Por ser um espaço virtual de organização, formação e engajamento profissional estão dispostas as ações, os eventos realizados, as relações das REMs com as instituições culturais e o endereço das mesmas para contatos.

Além do contato contínuo de forma virtual, pelos meios acima descritos, existe uma relação de intercâmbio cultural, em conjunto com os diversos sujeitos que atuam nas Redes de Educadores em Museus nas diversas regiões do Brasil em Fóruns Regionais e Nacionais de Museus.

---

<sup>7</sup> CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. **A experiência da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro 2003-2015**. 7º Encontro Paulista de Museus. (2015). Disponível em: [https://issuu.com/sisem-sp/docs/fernanda\\_castro](https://issuu.com/sisem-sp/docs/fernanda_castro). Acesso em: março/2016

e Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g0puUukkDjE>. Acesso em março/2016.





Algumas Redes elaboraram Fichas de Cadastro e Fichas para Visitação, como guias e dados aos participantes, informações sobre as instituições culturais e para melhor aproveitamento nas visitas técnicas. Outras informações constam nestes meios de disposição eletrônica, tanto no que diz respeito à nomenclatura e suas siglas correspondentes, quanto à existência de documentos que servem como aportes institucionais tais como: Carta de Princípios, Regimento Interno e Estatuto. Verifica-se que a REM-Goiás dispõe de um Vídeo Institucional<sup>8</sup> visando divulgar as suas finalidades e possibilidades de ações de extensão junto a Universidade Federal de Goiás (UFG).

Constatamos que a parceria do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e os Sistemas Estaduais de Museus (SEM), com as REMs fortaleceram-se em cada território. Estes passaram a reconhecer Redes como instituições que congregam os profissionais dos museus e fortalecem o campo da Educação Museal.

No 7º Fórum Nacional de Museus realizado na cidade de Porto Alegre/RS em 2017, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), foi reservado um espaço específico para as REMs, somando-se a jornada para conclusão e lançamento da Política Nacional de Educação Museal. A seguir discorro sobre a participação da Rede do Rio Grande do Sul como articuladores na Política Nacional de Educação Museal e as tensões dos setores educativos, dos profissionais envolvidos na área, inclusive algumas situações vivenciadas junto à Educação e outras problemáticas observadas há longo tempo.

## **REM-RS E A PARTICIPAÇÃO NA PNEM - AS TENSÕES DO CAMPO DA EDUCAÇÃO MUSEAL**

A REM-RS tem um público virtual, presencial e inconstante, com participantes que fazem presença nos encontros de formação, ou nas reuniões estratégicas. Estes são profissionais de diferentes perfis e áreas do conhecimento, alguns são profissionais da Educação, outros exclusivamente da Educação Museal, ou ativos nas duas áreas. Ainda, existem aqueles que assumem atribuições em outros setores das instituições culturais e envolvem-se com a Gestão, com a Conservação, a Comunicação, Arquitetura, entre outros.

A REM-RS faz parte de uma representatividade nacional, formada por várias Redes, que visam congregiar as informações e ações com o mesmo fim: articular e organizar os profissionais que lidam com as atividades relacionadas ao campo da Educação Museal.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a66oVazHrUE>>. Acesso em: março/2016.





A REMRS Compôs o Colegiado Setorial de Museus e da mesma forma buscou pela reflexão com os pares, promovendo discussões da Política Nacional de Educação Museal assumindo em muitas ocasiões a função de articuladores, atuando junto ao IBRAM no interior do estado em ações conjuntas com o Museu das Missões (2014). Outra ação que se deseja preservar e alicerçar são as parcerias com Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal de Pelotas, através dos cursos de Bacharelado em Museologia, na participação dos professores e estudantes.

Ao analisarmos o trabalho em Rede e as trocas de informações das REMs constatamos que são utilizados vários meios virtuais de comunicação, partiu-se do uso de *e-mails* e *Blogs*, migrou-se para o *Facebook*, atualmente é usado o *Whatsapp* denominado REMBR e muitos, de forma individual além dos já citados, tem o *Instagram* e o *Twitter*, um não excluindo o outro.

Com a criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM (L. 11904) e do Estatuto de Museus (L. 11906), ambas de janeiro de 2009 iniciou-se uma jornada promissora por parte do Governo Federal que indicava o fortalecimento do campo da Educação Museal, somando-se ao Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM – 2010/2020), que compõe o Plano Nacional de Cultura (PNC), de 2010, em seus Temas Transversais – apresentavam Educação e Ação Social, respaldando a mobilização dos trabalhadores em museus.

As lideranças da REM-RS marcaram presença em vários locais do estado visando articular e reunir as propostas para compor a Política Nacional de educação Museal, abaixo expomos algumas imagens e apontamentos das instituições envolvidas nesse processo.

#### QUADRO 1 – ENCONTROS REGIONAIS DE ARTICULAÇÃO REMTS - PNEM

REM-RS	Auditório do Planetário Professor José Baptista Pereira /UFRGS	Porto Alegre/RS - 1º de abril de 2013	Encontro Reflexões sobre o Programa Nacional de Educação Museal,	
REM-RS	Semana Acadêmica Integrada das Ciências da Informação Centro Acadêmico de Biblioteconomia, Arquivologia e	Porto Alegre/RS - 24 de maio de 2013	Mesa redonda Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) – um debate necessário	



	Museologia - CABAM-UFRGS			
IBRAM REM-RS	Reunião PNEM com o Ponto de Memória Lomba do Pinheiro  Diego Vivian (PNEM) e Márcia Vargas	Porto Alegre/RS  25/05/2013	Programa Nacional de Educação Museal (PNEM).	
IBRAM – REM-RS	Encontro Regional com – Diego Vivian (PNEM) e Márcia Vargas	Santo Ângelo RS – 16 de maio de 2014	Encontro Regional do PNEM do Sistema Estadual de Museus, dentro da programação do Museu das Missões para a 12ª Semana Nacional de Museus.	
REM-RS	Encontro - EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO INTEGRAL – REM-RS e Memorial da Câmara dos Vereadores de Camaquã – Andreia Becker  Márcia Vargas	Camaquã /RS 16/05/2017	Projeto Construindo a Cidade e a Educação em Museal.	

**Fonte:** realizados por Andreia Becker e Márcia Vargas, em 2019. **Fotos:** Artur Becker

Com o caminho aberto e a necessidade de organizar o campo, vários representantes das Instituições Culturais reuniram-se no Museu Imperial, em Petrópolis/RJ, nos dias 28 de junho a 1º de julho de 2010, onde ocorreu o 1º Encontro de Educadores do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) visando traçar diretrizes e estratégias de uma Política Nacional de Educação Museal. Na ocasião foi escrita a Carta de Petrópolis constando os subsídios para a elaboração dessa política pública, referindo-se aos princípios fundamentais dos museus (Artigo 2º da Lei 11904/2009). Com ênfase nos artigos do Estatuto dos Museus.

Na 5ª edição do Fórum Nacional de Museus que aconteceu na cidade de Petrópolis (RJ), entre os dias 19 e 23 de novembro de 2012, neste espaço adensaram-se os debates e articulações na construção da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), com a participação das REMs até então presentes.



Na Carta de Petrópolis evidencia-se o anseio dos participantes em modificar a tímida participação do setor educativo dos museus e seus profissionais, em ampliar a o papel e a relevância desses constando no Plano Museológico, com ênfase na Missão institucional definindo-se a Missão da área Educacional. Destarte, considerar o acervo institucional e operacional com referencias nas ações educativas. Isto posto registrar ações educativas, projetos desenvolvidos, questões específicas da área, reunir teorias, pensamentos e conceitos em Educação, Museu e Museologia, que orientem os envolvidos. Como consequência estruturar e implantar setores, serviços, divisões e núcleos educacionais nos museus.

A Política Nacional de Educação Museal<sup>9</sup>, foi um dos processos que exigiu a reflexão coletiva dos educadores em museus em seus estados de origem, por envolver estes atores na articulação dos Grupos de Trabalhos<sup>10</sup>, em constituir as diretrizes para o desenvolvimento das ações educacionais nos museus.

Durante o processo de articulação e compartilhamento de ideias relacionadas à Política Pública Museal estivemos reunidos em Belém do Pará, no 6º Fórum Nacional de Museus, nos dias 24 e 25 de novembro de 2014, no I Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal – IENPNEM, em que foram definidos os princípios e os parâmetros da política pública. Partiu-se da Carta de Petrópolis, após a catalisação de várias propostas virtuais de 708 participantes e de 55 articuladores. Foram realizados 23 Encontros Regionais, realizados em 13 unidades da Federação, 650 pessoas que elencaram 57 diretrizes, conforme a Carta de Belém-PA.

No documento da Carta de Belém-PA (2014), foram registrados cinco princípios, além de encaminhar-se a implantação da referida política, a sistematização de toda a construção de uma minuta da PNEM e da mesma forma, a garantia da divulgação desses princípios e diretrizes, parcerias entre o Ministério da Cultura (MinC), Conselho Internacional de Museus (ICOM), O Ibram, os Sistemas Estaduais e Municipais de Museus, Secretarias de Educação e Cultura, Museus Públicos e Privados e as próprias REMs foram convocadas em promover um diálogo envolvendo os atores comprometidos nesse processo de fortalecimento e democratização de acesso à memória, à educação e à cultura.

Para Finalizar essa narrativa das tensões que envolveram a realização e efetivação desse caminho de participação ampla e democrática citamos a Carta de Porto Alegre/RS – escrita pelos representantes dos museus que estavam presentes no 7º Fórum Nacional de Museus, o 2º

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em janeiro/2019.

<sup>10</sup> O Plano Nacional de Cultura (PNC), instituído pela Lei 12.343, de 02 de dezembro de 2010.



Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal, que concluiu o processo consultivo de construção da Política Nacional de Educação Museal-PNEM. Esse momento crucial acontecido em junho de 2017, na PUCRS resta descrito na Carta de Porto Alegre que o referido documento – PNEM – passou naquela data a orientar os sujeitos e instituições da Educação Museal, foram compromissos assumidos pelo Ibram por meio da Portaria nº 422 de 30 de novembro de 2017. Seguiram-se os passos de:

- Publicar o Caderno da Política Nacional de Educação Museal, com o conteúdo mais detalhado da proposta, um glossário, sua memória, seu histórico de construção e proposições para sua implementação;
- Realizar pesquisas, lideradas pelo IBRAM e com colaboração das Redes de Educadores em Museus e dos articuladores do PNEM, sobre o atual estágio de desenvolvimento da educação museal no Brasil;
- Realizar o 1º Encontro Nacional de Educação Museal, até o 8º Fórum Nacional de Museus, para discutir o desenvolvimento e implementação da Política Nacional de Educação Museal, conceitos e práticas do campo.
- Garantir um espaço para discussão das questões da educação museal nos Fóruns Nacionais de Museus.
- Incentivar a realização de seminários regionais para discussão e implementação da PNEM em parceria com as Redes de Educadores em Museus e articuladores regionais do Programa Nacional de Educação Museal. (Ibram, 2017)<sup>11</sup>.

Com a PNEM é possível garantir a presença do setor e dos profissionais em educação nas instituições culturais, determinar parte do orçamento seja destinado ao setor, estimular a realização de projetos e sistematizar as ações educativas, a produção de materiais como uma memória permanentemente alimentada. De outro modo, providenciar linhas de comunicação, qualificação continuada e criação de redes ratificando a existência do trabalho educativo nos museus. Fomentar a pesquisa, o estudo de público e incentivar a qualificação da acessibilidade integral. Esse complexo trabalho foi escrito pela divisão em três grandes grupos que juntos compilaram as diretrizes traçadas até o advento da PNEM.

No próximo item discorreremos o trabalho realizado na cidade de Camaquã/RS, uma ação efetiva como parte da PNEM.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA - PROJETO CONSTRUINDO A CIDADE**

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/7o-fnm-aprova-politica-nacional-de-educacao-museal-2/>>. Acesso em: junho de 2017.





Este relato traz as experiências que constituem o Projeto Construindo a Cidade em Camaquã/RS e as trajetórias que dele resultaram. Gestado dentro da Rede de Educadores de Museus do RS, no arcabouço das discussões relativas à PNEM.

O Projeto articula os responsáveis por museus, educadores e a comunidade na busca por uma ressignificação e reapropriação do patrimônio socioambiental gerando possibilidades de participação política e educação política, a partir dos acervos disponíveis nos equipamentos culturais da cidade.

Utilizamos em especial as tradicionais “visitas das escolas”, na Câmara, na Prefeitura, nos Museus, na Biblioteca Pública, aos prédios históricos. Necessárias inclusive pela designação curricular de estudar o município; onde encontramos nos equipamentos culturais do Município a materialidade para este fim, porém em visitas cheias de limitações, restringindo a possibilidade de construir conceitos como cidade, decisão, legalidade.

Nosso desafio foi a elaboração de subjetividades como pertença, identidade, cidadania; qualificar este encontro com curiosidade e encantamento, ultrapassando a simples difusão de informações, como parte de um processo de construção de conhecimento através do patrimônio cultural, da memória e da história. Propusemos como tema central o estudo da cidade de Camaquã, pois a cidade é um organismo vivo e dinâmico.

O trabalho foi coordenado pelo Memorial da Câmara de Vereadores. Os objetivos foram: identificar e fortalecer os vínculos da comunidade com os acervos locais, fomentar ações de preservação dos acervos, ao mesmo tempo potencializar a comunicação de seus conteúdos; fomentar o protagonismo dos atores envolvidos neste processo, criando multiplicadores.

O que nos levou a planificar as ações dentro do Projeto Construindo a Cidade, onde o Memorial se propôs a trabalhar a memória política, a educação para a cidadania e a educação para o patrimônio a partir desses acervos. Este Projeto articulou dentro da cidade de Camaquã o Conselho Municipal de Preservação Histórica e Cultural, as Secretarias Municipais de Educação e de Cultura, o Núcleo de Pesquisas Históricas, as universidades e faculdades, para a sistematização de ações.

A continuidade das ações mostrou-se um grande desafio devido ao modelo de gestão pública dentro dos municípios em ciclos anuais e as constantes trocas de gestores em cargos de chefia responsáveis pela esfera decisória. Esse projeto desde 2018 está alocado junto à Ouvidoria do Legislativo, tendo instituído inclusive uma Câmara de Vereadores Mirins.

### *Metodologia Aplicada*



Inicialmente, buscamos subsídios teóricos para mapear o sistema de preservação de acervos e refletir: o que é a cidade? Percebeu-se que no decorrer de nossas rotinas, não há tempo para dialogar e analisar sobre nossas relações com a cidade, enquanto ambiente. Para ver a cidade como lugar de encontro, local das nossas percepções, das nossas memórias, território das coisas, das pessoas, dos fatos, das sensações, transformadas em inscrições<sup>12</sup> e sobre a duração destas inscrições.

Para pensar sobre esses objetos se revestindo de outra função<sup>13</sup>, buscamos o aporte teórico nas áreas da legislação sobre preservação, pois precisávamos despertar o interesse público em sua permanência, tendo sua função social ampliada, na perspectiva da indissociabilidade entre natureza e cultura na construção do conceito de ambiência, de **bens socioambientais se pode em algum momento propor preservação**. Quando analisamos os critérios instituídos de seleção, no trato de um acervo, quando se escolhem prioridades para receber atenção ou recursos, a pergunta a ser respondida é - Quais valores? Quanto valor se identifica neste bem?

Discutimos intensamente dentro dos sistemas de gestão as flutuações que resultam em permanências e desaparecimentos, com as quais nem sempre concordamos. Realizamos jogos de recordar/esquecer<sup>14</sup>, em nossas interações com esses bens, onde valores só são percebidos quando há vínculos com os objetos ou com a memória por eles evocada. Com frequência a chave para a preservação passa por uma narração<sup>15</sup>, em um processo dinâmico, onde a renegociação é constante e que é “fundamentado no reiterado exercício de (re)conceituação, reavaliação e pesquisa” (CUTY, 2011).

O que nos levou a buscar uma forma de estimular o estabelecimento de vínculos dos usuários com os acervos, com vistas à preservação, foi o uso dos acervos como ilustração tridimensional da cidade, uma chance de “permitir aos seus habitantes, seus visitantes e passantes a sonhar a cidade, poetizar, mitificar, fabular, para instaurar a liberdade (re)mitificante de observar na tensão entre passado e presente, a possibilidade de participar de forma efetiva do projeto de humanização do trajeto da humanidade.” (Eckert, 2006).

<sup>12</sup>ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Das fraturas sociais e dos processos de transformação: o lugar do patrimônio. **Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2006.**

<sup>13</sup>SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **Bens culturais e sua proteção jurídica. Porto Alegre, Unidade Editorial Porto Alegre, 1999.**

<sup>14</sup>ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória. In: **Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas da vida urbana.** Porto Alegre: Marcavisual, 2013. 304 p. p. 193.

<sup>15</sup>BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura.** São Paulo, Brasiliense, 1993.



Estas proposições sugeriram a instituição de ações educativas e de adentrar o universo de uma pedagogia da preservação. Para tanto nos apropriamos de técnicas como *design thinking*, *gamefication* em ações educativas, pela vertente do teatro legislativo trazida por Beatriz Angela Cabral, o Jogo Dramático, bem como a fundamentação metodológica de Fernando Hernandez para o trabalho em cultura visual a partir de projetos. Com a proposta de enriquecer o mapa dos processos possíveis, uma abordagem mais sistêmica que visualizasse o máximo possível de atores e ações envolvidos. Para consecução destes objetivos, foram propostas às instâncias administrativas as execuções conjuntas de encontros presenciais, oficinas práticas, saídas de campo, atividades de pesquisa e comunicação virtual: abertos a todos os interessados.

A partir da segunda etapa, em janeiro de 2013, os próprios integrantes atuaram como multiplicadores eicineiros propondo novas atividades. Assim alcançamos a extensa zona rural do Município e as próprias escolas foram locais de prática, estudo e pesquisa. Numa determinada ocasião, a oficina de Identidade e Território, ministrada por um professor de Geografia foi realizada dentro de um ônibus de transporte de professores.

Realizamos atividades nos meios virtuais com trocas de informações, comunicações não presenciais (*e-mails*, celulares e *Facebook* do projeto). Por se tratar de um trabalho horizontal, o Memorial centralizou as informações, as Secretarias de Educação e da Cultura articularam presenças nas oficinas. Cada oficina tratou de temas ligados às formas de se estudar a cidade: documentos, manuscritos, fotografias, arquitetura, literatura, memórias pessoais, objetos; locais de pesquisa; formas de registro e apresentação de pesquisas, entre outras, sempre trabalhando no âmbito de aproximação dos usuários com os acervos, e suas aplicações em ações educativas. Dentro do tema, cada oficina apresentou um momento de base teórica, de conceituação; seguido de uma vivência prática.

Desde a primeira edição em 2012 foram realizadas oficinas de revisão conceitual e base historiográfica, como pesquisar em acervos documentais, pesquisa com mapas, pesquisa com patrimônio edificado, a cidade na literatura, pesquisa em acervos. O trabalho foi sistematizado e reapresentado aos gestores municipais que estão à frente das secretarias e aos membros do Conselho de Preservação.

Foram mantidos os mesmos eixos de trabalho e elencadas novas ferramentas de apropriação. Identificou-se o interesse das pessoas da cidade em obter maiores informações sobre a história de seus processos de nomeação de ruas, de espaços públicos, onde as biografias dos homenageados têm sido objeto de estudo e estão na grande maioria anexas aos processos legislativos dos quais são oriundas.



A presença, relevante para esse projeto, dos mais diversos segmentos, como membros de clubes de serviços, envolvidos com o turismo, arte, arquitetura. O grupo mais representativo, porém foi de professores, das redes estadual, municipal pública e particular.

Também foram realizadas saídas de campo com visitas aos acervos locais do Núcleo de Pesquisas Históricas, Museu Municipal Divino Alziro Beckel, Memorial da Câmara, nos prédios históricos inventariados pertencentes à Zona de Especial Interesse Cultural Histórico e Artístico, constantes no Anexo X, do Plano Diretor. Procuramos constantemente identificar e suprir carências na formação dos participantes.

Encontramos uma disparidade enorme entre as realidades e condições de escolas, mesmo pertencendo a um mesmo centro de despesas. Em algumas nem o setor administrativo dispõe de internet. E as diferenças são maiores ainda entre as formações dos professores, dependendo em qual programa de formação são oriundos, dos objetivos que os conduziram a uma licenciatura. Todos os integrantes com que tivemos contato demonstraram interesse em potencializar suas práticas pedagógicas através de pesquisas e apropriação da memória da cidade e a grande maioria se declarou desorientado em como alcançar este objetivo.

Paralelamente ao mapeamento de interesses de pesquisa sobre a cidade procuramos suprir necessidades de instrumentalização do trabalho, de forma que uma oficina de educação para o patrimônio, além de apresentar a história dos prédios históricos, ensinou-nos técnicas da fotografia básica e digitalização de arquivos para o computador com software livre. Noutra oficina os prédios foram medidos e suas plantas foram desenhadas no computador apresentando aos integrantes as ferramentas do *software* de desenho arquitetônico *Sketchup*. Em outro curso tratou-se dos acervos fotográficos e foi apresentado o *software Gimp*. Num determinado momento surgiu a necessidade de lidar com manuscritos do Século XIX, foi ministrada uma imersão em Paleografia. Os manuscritos originais fotografados compuseram uma exposição de banners.

### *Conclusões parciais sobre o Projeto*

Os resultados são muito gratificantes e diversas ações educativas começaram a ser gestadas a partir do Projeto. Estamos em fase de aplicação e coleta de dados dos primeiros resultados. O grupo de trabalho possui um desenho típico de estruturas em rede, sem hierarquia nem composição fixa, com integrantes que atuam no turismo da cidade, na esfera cultural de dentro e fora do município, estabelecendo fluxo de trocas institucionais.

A impressão que ficamos é de que atingimos uma demanda represada por parte da comunidade, que anseia por fruição e pertença a partir dos acervos. Com os membros da comunidade escolar,



em especial, como diretores, supervisores, responsáveis pelas bibliotecas das escolas e professores. O que se buscou foi praticar uma educação integral, com iniciativas educativas atraentes, efetivas e emancipatórias, em sua franca maioria, sem limitações de faixa etária ou escolar.

Foram levantadas demandas por parte dos munícipes no sentido de conhecer melhor os acervos da cidade, suas histórias, seus lugares de memória, Arquivos, Bibliotecas e Museus.. O que propusemos é o estudo da cidade de forma ao mesmo tempo sistematizada e exploratória, criativa, a partir de acervos devidamente preservados, segundo suas necessidades individuais. O que propusemos é, coletivamente, construir a cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rede ou o Sistema integrado das Redes é uma alternativa positiva, prática e rápida para que as instituições se articulem entorno da Educação Museal estabelecendo o diálogo político e social entre os museus, seus profissionais e a sociedade. Deverá ser tomado o cuidado e devida atenção com a sistematização da memória das postagens e acontecimentos essenciais para manter viva a energia criativa, na troca de conhecimentos realizados até então nos meios utilizados pelas REMs. Por Exemplo, no dia de hoje, 30 de julho de 2019, foi divulgada pelo *Whatsapp* a criação de mais Rede a Rede de Educadores do Paraná.

Considero outro fator positivo a garantia de representantes com vínculo representativo no Instituto Brasileiro de Museus, defendendo, organizando e dinamizando a interlocução com a Educação Museal.

Estamos engatinhando ainda nas questões de participação na gestão dos museus, mas garantimos o lugar desse espaço pedagógico no Plano Museológico, quando este é definido nas instituições e na relevância do setor por participação em Editais Educativos.

Carecemos de recursos financeiros e estrutura para garantir o acesso e receber escolas públicas. Nos municípios existem limitações que englobam desde o interesse dos educadores em inserir nos seus projetos as visitas em exposições individuais, projetos educacionais, Bienais e acervos documentais em museus, que auxiliem na elucidação de suas propostas pedagógicas. Existem dificuldades de toda a ordem, inclusive na disposição de transporte para o deslocamento dos educandos. A limitação financeira é uma problemática que se amplia na participação dos profissionais da área cursos de formação continuada à presença nos encontros interestaduais que possibilitam ações positivas efetivas, estas favorecem questões semelhantes à efetivação da PNEM por exemplo.





Outra situação da qual manifestamos preocupação é a efetivação de duas políticas públicas orientadoras da Educação e da Educação Museal, a Base Nacional Curricular Comum e o Programa Nacional de Educação Museal, respectivamente. Nesses dois documentos foram construídos com a ampla participação dos sujeitos ativos e vinculados aos dois campos, inclusive participamos das reflexões e articulações em ambas, de 2011 a 2019. Considera-se nos dois documentos a construção do saber através do patrimônio cultural internacional, nacional, regional e local, concordando com a possibilidade de protagonismo inserido na construção do saber. No entanto, como registrado na Carta de Petrópolis e nas reflexões realizadas na BNCC, anseia-se pela qualificação continuada e por renovação nos métodos de ensinar e aprender experimentados atualmente em muitas escolas públicas e inclusive particulares.

Quanto à formação é necessária a disposição tanto dos educadores e educadores em museus, em buscar participar das REMs para a troca de informações, as novidades do mercado, as reformulações pedagógicas dos campos, em despende um horário, ou seja, parte do tempo dedicado ao trabalho para frequentar cursos que agreguem valor a prática profissional. Constando, nessa última, a necessidade da concordância da liberação desses profissionais por parte das direções e supervisões a que estão submetidos.

Finalizamos com o desejo de que mais pessoas possam ter acesso à Política Nacional de Educação Museal, que as propostas registradas em papel tomem vida e aconteçam na prática. Nessa questão um caminho a ser trilhado seja a criação de núcleos regionais dispostos em vários locais abrangendo o interior dos estados da Federação, buscando atingir escolas, museus, centros culturais, pontos de memória, em fim, toda a instituição que se identifique com a construção do conhecimento através da memória, da história e do patrimônio cultural imaterial e material.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLARD, Michel; LANDRY, Anik. O Estado da Arte da Pesquisa sobre Educação Museal. In: MARANDINO, Martha. ALMEIDA, Adriana Mortara. VALENTE, Maria Esther Alvarez.(Org). **Museu lugar de Público**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, p. 15-26.

ASSUMÇÃO, Jéferson. **Uma visão sistêmica de cultura para o RS**. Disponível em <<http://www.cultura.rs.gov.br/v2/2011/09/uma-visao-sistemica-de-cultura-para-o-rs/>>, acesso em: novembro de 2011.



BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e Historia da Cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1993.

BRASIL – **Lei nº 11904**, 2009. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>>. Acesso em: março/2016.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. In. **Cadernos de Sociomuseologia: Centro de Estudos de Sociomuseologia**, v. 20. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. ULHT, n. 20, 2003.

\_\_\_\_\_. Teoria museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais. (Org.). **Waldisia Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. V.2. São Paulo: Pinacoteca do Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 145-154.

\_\_\_\_\_. Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: **diagnóstico museológico e planejamento**. Porto Alegre: Medianiz, 2013. 240p.

\_\_\_\_\_. **Orientações para Gestão e Planejamento de Museus**. Florianópolis: FCC, 2014.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. A experiência da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro 2003-2015. In: 7º Encontro Paulista de Museus. **Educação em Museus e Acessibilidade Cultural**. MAM-SP. 2015. Disponível em: <[https://issuu.com/sisem-sp/docs/fernanda\\_castro](https://issuu.com/sisem-sp/docs/fernanda_castro)>. Acesso em: abril/2016.

CHAGAS, Mário de Souza. Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio. In: **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Departamento de Museus Centros Culturais. Vol. 1, n. 1 (2004) – Rio de Janeiro. IPHAN, 2004.

CHIOVATTO, Mila Milene. Educação líquida: reflexões sobre o processo educativo nos museus a partir das experiências do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado. In: CHIOVATTO, Mila Milene (coord.). **Anais do Encontro Internacional Diálogos em Educação, Museu e Arte [CD-ROM]**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Ciências humanas e sociais**. 11 ed.. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

**Código de Ética do ICOM para Museus Versão Lusófona**, 2010. Brasília – Disponível em: <[http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo\\_de\\_etica\\_do\\_icom.pdf](http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf)>. Acesso em: maio/2016.

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. Educação Museal. Instituto Brasileiro de Museus. In: **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132p.



CUTY, Jeniffer. A preservação das condições para construção dos direitos culturais. In: CUTY, Jeniffer e CARDOSO, Eduardo. **Acessibilidade em Ambientes Culturais**. Porto Alegre: Marcavizual, 2011.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas/SP, Ed. Autores Associados, 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus Conselho Internacional de Museus Pinacoteca do Estado de São Paulo Secretaria de Estado da Cultura. São Paulo. 2013. Tradução e comentários: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória. In: **Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013. 304 p. p. 193. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/memoriasdotrabalho/wp-content/uploads/2018/08/ECKERT-e-ROCHA-Antropologia-da-e-na-Cidade.pdf>>. Acesso em: novembro/2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura). 148p.

GRINSPUM. Denise. Educação para o Patrimônio: **Museu de Arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos, 2000**. 157p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. São Paulo, 2000. Disponível em: <[http://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20patrim%C3%B4nio%20GRINSPUM\\_D.pdf](http://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20patrim%C3%B4nio%20GRINSPUM_D.pdf)>. Acesso em: outubro/2015.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Bem e patrimônio cultural, s.d. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. V.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 119-122.

\_\_\_\_\_. A interdisciplinaridade em Museologia, 1981. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. V.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 123-126.

\_\_\_\_\_. Sistema da Museologia, 1983. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. V.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 127-136.

\_\_\_\_\_. Estação Ciência, um projeto comprometido com a vida – O Projeto Mueológico, s.d.. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e**



**contextos de uma trajetória profissional.** V.2. São Paulo: Pinacoteca do Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 159-181.

\_\_\_\_\_. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Org.). **Waldisia Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional.** v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 203-210.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992), 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados.** V. 2. São Paulo: Pinacoteca do Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 61-83.

IPHAN. **Inventário nacional de referências culturais:** manual de aplicação. Brasília, 2000. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual\\_do\\_INRC.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf)>. Acesso em: março/2016.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, 208p.

MOUTINHO, Mário. Sobre o Conceito de Museologia Social. In. Cadernos De Museologia. Centro de Estudos de Sociomuseologia Nº 1, 1993, p. 5-6. Disponível em: <<file:///C:/Users/M%C3%A1rcia/Downloads/1993%20moutinho.m.pdf>>. Acesso em: março/2016.

RANGEL, Aparecida; HARDUIM, Barbara; SEIBEL, Iloni. A Rede de Educadores em Museus do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição ao campo da educação não-Formal, 2009. In. **Anais do Encontro Internacional de educação não formal e formação de professores.** MAST. 2009, p. 1-3. Disponível em: <[http://www.mast.br/multimidia/encontro\\_internacional\\_de\\_educacao\\_nao\\_formal\\_e\\_formacao\\_de\\_professores/pdfs-omunic/ResumoEstendido\\_Aparecida\\_Rangel.pdf](http://www.mast.br/multimidia/encontro_internacional_de_educacao_nao_formal_e_formacao_de_professores/pdfs-omunic/ResumoEstendido_Aparecida_Rangel.pdf)>. Acesso em: agosto de 2015.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **O museu e a busca de novos horizontes.** In. **III Fórum de Profissionais de Reservas Técnicas de Museus.** (Orgs.) Conselho Federal de Museologia – COFEM e Conselho Regional de Museologia, 1ª Região – COREM-BA. Salvador/BA, 2002, p. 1-22. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12148768-Os-museus-e-a-busca-de-novos-horizontes.html>>. Acesso em: março/2016.

\_\_\_\_\_. (Org.). Encontros Museológicos - reflexões sobre a museologia a educação e o museu. Museu: **centro de educação comunitária ou contribuição ao ensino formal?** Rio de Janeiro. MinC/IPHAN/DEMU, 2008, p.29-56.



\_\_\_\_\_. (Org). Encontros Museológicos - reflexões sobre a museologia a educação e o museu. Museu e Educação: **conceitos e métodos**. Rio de Janeiro. MinC/IPHAN/DEMU, 2008, p.125-146.

SOARES, Bruno Brulon. Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, 2008, p.1-13. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp098941.pdf>. Acesso em: março/2016.

STUDART, Denise C.. Conceitos que transformam o museu, suas ações e relações. In. **ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados**. (Org). Maria Cristina Oliveira Bruno. V. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 148-157.

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. 2003. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda%20Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf>>. Acesso em: março/2016.

\_\_\_\_\_. Trilhando caminhos: **Itinerários da Rede de Educadores em Museus do Rio Grande do Sul – REM-RS (2010 a 2015)**. UFRGS, FABICO, Porto Alegre/RS. 2016. 202 f.